

MUSEU DE RUA, INCLUSÃO & HARMONIA SOCIAL REFLEXÕES EM TORNO DE UMA METODOLOGIA PARA MUSEUS COMUNITÁRIOS

ANA MARIA DALLA ZEN

Doutora em Comunicação, professora do curso de Museologia, Departamento de Ciências da Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo

Reflete sobre a técnica dos museus de rua, exposições itinerantes realizadas ao ar livre, criadas e gerenciadas pela própria comunidade. Relata a experiência feita no bairro Lomba do Pinheiro, região de periferia de Porto Alegre, RS, dentro do Programa Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania. Analisa os fundamentos teóricos da Museologia Social, dos ecomuseus e museus comunitários como referência para criar condições de inclusão e harmonia social em comunidades carentes. Apresenta a tecnologia para registro das memórias pessoais e coletivas, a partir da utilização de materiais recicláveis. Sintetiza o processo proposto para que os sujeitos dialoguem com as recordações existentes em seus acervos pessoais, através das técnicas da história oral e análise documental. Discute o papel das recriações, das lembranças e dos esquecimentos nas narrativas individuais. Avalia a contribuição da técnica para a recuperação da memória social, valorização da auto-estima pessoal e criação de um sentimento de pertença em relação ao território. Conclui que o resultado ultrapassou os objetivos iniciais no que se refere ao engajamento da comunidade na proposta. Destaca que o museu de rua é uma referência pedagógica de ação educativa em museus comunitários, ao incentivar a criatividade na expografia, nos materiais utilizados e nas formas de comunicação. E que ele se constitui em estratégia de inclusão e harmonia social, ao incitar o planejamento participativo e a integração entre os diferentes e complexos grupos sociais que constituem uma comunidade de periferia.

Palavras – chave: Museus de rua. Museus comunitários. Ação cultural em museus. Museus e mudança social.

MUSEO DE LA CALLE: INCLUSIÓN Y ARMONÍA SOCIAL REFLEXIONES EN TORNO A UNA METODOLOGÍA PARA LOS MUSEOS COMUNITARIOS

En este documento se reflexiona sobre la técnica de los *museos de la calle* y las *exposiciones itinerantes* realizadas al aire libre, creadas y dirigidas por la propia comunidad. Se relata la experiencia realizada en el barrio *Lomba do Pinheiro*, región de la periferia de Porto Alegre, RS, dentro del *Programa Lomba do Pinheiro: Memoria, Información y Ciudadanía*. Se analizan los fundamentos teóricos de la museología social, los ecomuseos y los museos comunitarios como referentes para crear condiciones de inclusión y armonía social en comunidades carecientes. Se presenta asimismo una tecnología para el registro de la memoria personal y colectiva a partir de la utilización de materiales reciclables. Se sintetiza el proceso propuesto para que los sujetos puedan dialogar con los recuerdos existentes en sus acervos personales a través de técnicas de la historia oral y del análisis documental. Se debate el rol

de las recreaciones, las evocaciones y las omisiones de las narrativas individuales. Se avala la contribución de la técnica para la recuperación de la memoria social, valorizando la auto-estima personal y la creación de un sentimiento de pertenencia en relación al territorio. Se concluye que el resultado ha sobrepasado los objetivos iniciales en lo que se refiere al compromiso de la comunidad con la propuesta. Se destaca que el *museo de la calle* es una referencia pedagógica de acción educativa realizada desde los museos comunitarios para incentivar la creatividad a través de la expografía, los materiales utilizados y las formas de comunicación. Por lo tanto, al incitar el planeamiento participativo y la integración entre los diferentes y complejos grupos sociales de una comunidad de la periferia, el museo se convierte en estrategia para la inclusión y la armonía social.

Palabras clave: Museos de la calle. Museos comunitarios. Acción cultural en los museos. Museos y cambio social.

STREET MUSEUM: SOCIAL INCLUSION AND SOCIAL HARMONY REFLECTIONS ON A METHODOLOGY FOR COMMUNITY MUSEUMS

Abstract

This paper reflects on the techniques of *street museums* and *itinerant exhibitions* held in the open air, created and managed by the same community. It relates the experience in the neighborhood *Lomba do Pinheiro*, a peripheral region on the outskirts of Porto Alegre, RS, in the *Lomba do Pinheiro Program: Memory, Information and Citizenship*. It analyzes the theoretical foundations of social museology, ecomuseums and community museums as references to create conditions for inclusion and social harmony in needy communities. It presents a technology derived from the use of recyclable materials for documenting the personal and collective memories. Through oral and documentary analysis techniques, it summarizes the proposed processes for people to reflect upon their own personal memories. It discusses the role of recreations, describing and enriching individual narratives. It supports the contribution of the technique for the recovery of social memory, the value of individual self-esteem and the creation of the sense of belonging, associated with the territory. Referring to the community's commitment, it concludes that the outcome of the proposal has far exceeded the initial objectives. It highlights that the *street museum* is a pedagogical reference in educational activities within community museums, as it encourages creativity through expography, use of materials and ways of communication. By encouraging participatory planning and integration between the different and complex social groups that constitute a community on the outskirts, the museum becomes a strategic factor of inclusion and social harmony

Key words: street museums; community museums; cultural activities in museums; museums and social change.

MUSEU DE RUA, INCLUSÃO E HARMONIA SOCIAL: REFLEXÕES EM TORNO DE UMA METODOLOGIA PARA MUSEUS COMUNITÁRIOS

PROFA. DRA. ANA MARIA DALLA ZEN¹

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO, UFRGS, BRASIL

1 INTRODUÇÃO

Num bairro de periferia, universidade e museu comunitário se uniram para criar um programa de ação educativa e cultural que permitisse a participação de diferentes atores sociais, voltado à (re)criação da história local. Nada que exigisse soluções teórico-metodológicas muito rebuscadas, inflexíveis, mas, ao contrário, previa algo simples, fácil e, que valorizasse a auto-estima de cada um no planejamento coletivo de ações. Desse modo, cada pessoa poderia propor atividades que incentivassem a recuperação das lembranças dos habitantes das trinta e três vilas populares formadas na região. Há vinte anos, para obterem o direito básico de moradia, os habitantes foram arrojados e criativos o suficiente para solucionar o problema, através da invasão de terras devolutas e de áreas de preservação ambiental. Luta árdua e dolorosa, que representa a força dos excluídos em forjarem a ferro e fogo, entre lágrimas, lutas, dores e alegrias, lugares de convivência e de exercício mínimo de seus direitos mínimos de cidadania. Como deixar essas histórias caírem no esquecimento? Como ignorar essa maravilhosa narrativa de heróis anônimos que, com as suas próprias mãos, cavaram a terra, bateram estacas, e fizeram os seus ninhos? Essa foi, portanto, a justificativa que fez nascer o projeto dos museus de rua na Lomba do Pinheiro.

A universidade e o museu se uniram para dar a largada. Mas, apenas para dar o início, ao acreditarem, ambos, que a ação só poderia ter sucesso se fosse apoderada pelos moradores como algo deles. Sem deveres nem obrigações, mas com muito prazer e fruição na experimentação de novas e criativas formas de preservar lembranças, vivências, registros alegres a lembrar ou episódios dignos de esquecimento. Algo mais ou menos estruturado, mas nem tanto, que pudesse circular, reunir, provocar, integrar. Que levasse ao riso ou às lágrimas. Um projeto em que cada um se reconhecesse como ator social, responsável pelas coisas retiradas do baú das memórias, e livre para deixar outras no esquecimento. Surgiu assim a idéia de criar exposições, planejadas e executadas coletivamente, para circular em diferentes espaços, tanto do bairro quanto fora dele, como um meio de rememoração das vivências que os moradores considerassem importantes para ser reveladas, divulgadas, publicizadas. E, desse modo, nasceu um museu de percurso, destinado a envolver todo o bairro da Lomba do Pinheiro, suas vilas, associações, histórias, pessoas e lutas.

1 Reflexões em torno do trabalho realizado pelos alunos Márcia Vargas, David Kura Minuzzo, Daniela do Amaral da Silva, Aline Portella Fernandes, Manuela Garcia Moraes e Lucas Antonio Morates, supervisionados pela da Profa. Cláudia Feijó da Silva, Coordenadora do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS, Brasil.

Este trabalho se constitui numa reflexão em torno da experiência, considerando-se o sucesso que se obteve com a iniciativa, hoje integrada às ações cotidianas do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro. Através delas, o Museu se converteu num lugar de encontro, diálogo, apoio e incentivo para a comunidade. No âmbito acadêmico, significou a criação de um programa de extensão universitária em que os alunos vivenciam a experiência de uma ação coletiva de empoderamento político, educação patrimonial e inclusão social.

A proposta de museus a céu aberto não é nova, nem original. Em Porto Alegre, é utilizada desde a década de 1990, para reconstituir as histórias de ruas, instituições e parques históricos. Porém, ao que se sabe, é a primeira vez que se utiliza a técnica para contar a história da periferia da cidade, através das narrativas, lembranças e esquecimentos de seus moradores. E, especificamente, aplicada a um programa voltado à superação da desigualdade e exclusão de uma comunidade que luta para se inserir, enquanto cidadã, dentro da cidade da qual havia sido esquecida, apagada, ou, no mínimo, destinada ao esquecimento.

A Lomba do Pinheiro se destaca na história da cidade pelos movimentos populares, a partir da criação de associações comunitárias como estratégia para conquistas públicas de toda a ordem. Lutas por direitos básicos a uma sobrevivência digna, o que inclui, antes mesmo da moradia, o direito à água, luz e saneamento básico, à educação, à saúde, ao trabalho. Hoje, o Bairro é reconhecido pelo grau de mobilização política de seus moradores. Pessoas que vão às últimas conseqüências sempre que necessário. Histórias que se repetem de garra e de sofrimento, mesclados com momentos de risos e de alegria. Nesse contexto, o museu de rua, assim, é a ferramenta que o Museu Comunitário e a Universidade se utilizaram para registrar essa luta, tornando-a parte da cidade. Sair da periferia, para tornar-se o território de gente lutadora, que sabe o que quer e como chegar lá.

2 O MUSEU SANS MURS: A ANÁLISE DE UM PERCURSO

O conceito de museu comunitário, nesse trabalho, se refere a uma instituição sem portas, nem janelas, nem muros. Trata-se de um espaço de tolerância, de inclusão e de acolhimento. E, em especial nas zonas periféricas, é o lugar onde a memória entrelaça passado, presente e futuro, numa trama indissolúvel de significados, que contribui para a valorização do ser, do estar, do viver em harmonia. É o ambiente em que as pessoas, embora em condições de sobrevivência limítrofes, sentem que há espaço para o sorriso, para a lembrança, para o compartilhamento de expectativas e sonhos de um futuro melhor. Priosti e De Varines (2007, p.65), destacam que o que se espera de um museu comunitário, é proteger e divulgar a memória de suas gentes, cuidar e comunicar o seu patrimônio, composto “não só coleções musealizáveis, mas, e prioritariamente, o patrimônio das relações cotidianas, a própria dinâmica da vida humana em interação com outras vidas, a diversidade cultural, a biodiversidade, ou seja, o patrimônio da biosfera que abriga todas essas relações”. É algo que se estende do espaço de um lar, ao quintal da família, ao quarteirão da vizinhança, e vai por aí a fora.

A comunidade local tem poucas chances de reconhecer-se em seu território. A maioria praticamente só transita por lá, indo e vindo do trabalho.

Ou fica em casa, à espera do emprego que não tem. Nesse contexto, o Museu, criado por exigência da própria comunidade, hoje se constitui num elo que une os diferentes grupos sociais, tornando-se o fiel guardião do rico patrimônio de cultura imaterial que vem se acumulando. De tudo aquilo que sai dos álbuns de fotografias, caixas de guardados, da memória, “para que possam compor com outros o patrimônio comum de uma comunidade inteira, compartilhando-o nos movimentos desse museu” (Op.cit, p.66).

Os museus de rua têm como função popularizar a idéia de museus, utilizando-se, para isso, da apropriação de espaços públicos. No caso da Lomba do Pinheiro, as ações foram feitas através do reaproveitamento de materiais recicláveis, portas, molduras de janelas, objetos, caixas de madeira, entre outros, convenientemente musealizados para se converterem em totens, utilizados para a montagem de exposições itinerantes. Para aprendizagem da técnica, foram oferecidas oficinas sobre a aplicabilidade de noções básicas de expografia, de conservação e preservação de documentos impressos, reunindo assim o percurso necessário para a constituição de um espaço para registro de memórias. Trata-se de uma espécie de metáfora do velho álbum de família, que permite guardar as lembranças pessoais, memórias, depoimentos, fotografias, matérias de jornais e, enfim, toda a sorte de materiais que pudessem ser processados e expostos em espaços abertos, a céu aberto.

Durante a oficina, foram apresentados os principais passos para a montagem de um museu de rua: escolha do material, preparação da base para suporte, organização, roteiro, noções de distribuição e aproveitamento do espaço, estética na organização dos documentos, entre outros. O objetivo foi instrumentalizar mais pessoas para repetir a experiência em outros locais, de modo a incentivar o maior número possível de moradores a participarem do processo. A oficina se converteu num recurso pedagógico de educação patrimonial, que, ao compor os museus de rua, integra escolas, associações comunitárias e outros locais públicos, voltado a incentivar o sentimento de pertença entre os moradores do bairro. A montagem é feita com o objetivo de promover a circulação da cultura em ambientes externos aos espaços de cultura tradicionais. A partir da qualidade de seus resultados, propõe-se a ampliar o público que se interessa pelos espaços musealizados. Além disso, incita as pessoas a registrarem suas próprias memórias, e, a partir delas, planejar e executar projetos próprios, representativos de sua rua, bairro, associação, etc. Os depoimentos orais têm lugar de destaque dentro deles e, como destaca Alberti (2004), recuperam a vivacidade dos documentos pessoais, plenos do entusiasmo, da empolgação e da alegria de quem conta a sua própria experiência. A narrativa, então, colore o passado com tons especiais, e faz do homem um sujeito único, alguém que realmente viveu aquilo que relata, e que, por isso, dá um tom singular e apaixonado às suas memórias.

O museu de rua, nesse sentido, registra vivências, emoções e sentimentos. E, ao fazer uso da história oral para as narrativas, considera as relações entre a memória pessoal com a memória coletiva. A relação entre lembrança e esquecimento, o processo seletivo que implica em apagamentos voluntários ou involuntários, o entrecruzamento de temporalidades distintas: o tempo lembrado e o tempo da lembrança, são elementos a serem considerados durante as entrevistas. As datas se confundem com passagens da vida. As emoções modificam os fatos ou os camuflam. Os depoimentos, longe de serem retratos fiéis de fatos ocorridos, são representações dos

sujeitos em relação às suas vivências, filtradas por suas emoções, subjetividades e memórias. São documentos dignos de confiança e respeito, não como registros fotográficos e fiéis de um acontecimento, mas por representarem os sujeitos em processo de construção de sua própria história.

Trata-se de uma perspectiva que se insere na extensão em ação, que, de acordo com Santos (2009), é o conhecimento se produz através da troca de saberes, do respeito e valorização das experiências e da criatividade dos sujeitos sociais que estão fora das academias. É o modo através do qual os sujeitos sociais apresentam soluções e indicam caminhos que, em sua maioria, passam despercebidos pela leitura acadêmica. E que, quando gestados em colaboração e em parceria, são enriquecidos pelas reflexões e conhecimentos produzidos pela universidade, numa via de duas mãos. Nesse sentido, as ações dos museus de rua têm como referencial o de patrimônio global, ou seja, como ressalta a autora, a cultura que se encontra dentro da própria na dinâmica da vida. Além disso, a metodologia permite a revisão dos métodos pesquisa, preservação e comunicação inerentes às ações acadêmicas. O compromisso social da universidade se converte num processo permanente e contínuo de ações voltadas à inclusão e mudança social, num movimento que articula o ensino de sala de aula, com experiências comunitárias, que provoca transformações, tanto dentro como fora de seus muros. A conexão entre o ensino e a pesquisa permite que se realize o compromisso da universidade com a sociedade, em especial nas universidades públicas e gratuitas do País, como é o caso da UFRGS, na busca de alternativas para reduzir os alarmantes índices de exclusão social que se tem que enfrentar. (DALLA ZEN, 2004). Seja utopia ou não, a universidade a serviço das classes populares é uma perspectiva que nos move, enquanto pesquisadores e alunos que se deixam embalar pelo slogan do Fórum Social Mundial, de que “outro mundo é possível”.

Ao analisar a presença da universidade na sociedade, Santos (1996) afirma que a ação acadêmica só sobreviverá se assumir uma condição de ativa protagonista no processo de transição paradigmática que a ciência atravessa hoje. E, caso se mantiver do lado da ciência tradicional, como hoje ocorre, poderá, em curto prazo, ser uma instituição do passado. Para sobreviver dentro da nova configuração mundial, a instituição teve que se adequar à nova realidade, através da atualização de seus processos de produção, disseminação e aplicação de conhecimentos. Há uma nova forma de racionalidade no ensino, na pesquisa e na extensão universitária, em que a ênfase nos conteúdos e métodos está aos poucos sendo substituída por considerações de caráter ético e social, em que está sendo criado um novo senso comum. O anterior foi extinto pela ciência tradicional. A universidade tem o papel de construir novas alternativas para inserção da subjetividade na construção do conhecimento. E, se a ciência moderna obteve um expressivo desenvolvimento científico a partir da eliminação do senso comum, ao mesmo tempo isso representou a expropriação da pessoa humana da capacidade de atuar no desvendamento do mundo e na construção de regras de vida:

Compete à universidade criar as condições para que a comunidade científica possa refletir nos pesados custos sociais que o seu enriquecimento pessoal e científico acarretou para as comunidades sociais bem mais amplas. A primeira condição consiste em promover o reconhecimento de outras formas de

saber e o confronto comunicativo entre elas. A universidade deve ser um ponto privilegiado de encontro entre saberes. A hegemonia da universidade deixa de residir no caráter único e exclusivo do saber que produz e transmite para passar a residir no caráter único e exclusivo da configuração de saberes que proporciona (SANTOS, 1996, p.224).

O museu de rua, se vincula a essa concepção de universidade, que busca ressignificar tanto a criação, como a divulgação e a aplicação do conhecimento, e a ampliação do conceito de patrimônio, relacionado ao surgimento de novos tipos de museus, como eco-museus, museus comunitários, museu de vizinhança, etc., abertos à comunidade. Assim, se permite o processamento de ações educativas e culturais fora dos espaços restritos dos museus, numa possibilidade que se abre para a realização de formas e metodologias de musealização mais inclusivas e democráticas.

A primeira exposição foi realizada no Recreio da Divisa, uma das 33 vilas populares do Bairro. Foram então reunidas as narrativas dos seus moradores sobre a história da vila, desde a invasão de terras, em 1985, a criação a vila, passando pela luta pela legalização de posse, expansão de rede de água e luz, até a atualidade. Para a sua abertura, o Museu e a comunidade decidiram convidar as maiores autoridades do governo do Estado, incluídos aí desde o governado até os comandos militares. E, diante da presença da maioria delas, presentes ou representadas, a comunidade sentiu quanto o museu de rua se constituiu num fato político, integrado às políticas públicas, estadual e municipal. Hugues de Varines ao visitar o Museu de Rua, em abril de 2010, manifestou o seu respeito ao fato de que a implementação da proposta não é nem do Museu, nem da Universidade, ou seja, não parte nem do Museu, nem da Universidade, e sim, brota do desejo e dos interesses da própria comunidade, ao contrário de algumas instituições congêneres, cujos projetos são feitos de fora para dentro, ou de cima para baixo.

O olhar do sujeito sobre si mesmo, está presente uma vez que a comunicação/diálogo ocorre entre atores que não renegam o direito às suas próprias falas, pensamentos e decisões, como nos ensinou Freire (1999). Ninguém melhor do que os moradores da comunidade para pensarem, planejarem e comunicarem aquilo que é, para eles, um elo entre o passado e o presente, num movimento de harmonia social em que estão sendo depuradas as raivas, solucionados os desentendimentos e minimizadas as decepções. Ao serem expostos, antigos problemas são vistos sob nova ótica. Nessa trajetória, cada pequena conquista é colorida com o distanciamento temporal, velhas rugas se tornam motivos de riso. Nesse processo, vai se construindo aos poucos o patrimônio imaterial daquelas pessoas que, finalmente, vão se reconhecendo como um grupo.

As narrativas dos moradores em relação à história da vila referem-se à luta pelas condições mínimas de sobrevivência. Considerando que a Vila Recreio da Divisa, como as 32 demais vilas criadas, são resultado de invasão de terras pertencentes a áreas de preservação ambiental, fica claro que a luta foi muito intensa. Pela ilegalidade inicial do ato, nunca puderam contar com o poder público para atender às reivindicações básicas de sobrevivência: moradia, água, luz, esgoto, postos de saúde e escolas.

Desse modo, as lembranças que rememoram através de fotografias, matérias de jornais, e outros documentos, se vinculam a cada passo, a cada conquista, feita a ferro e fogo:

Eu morava aqui na parada 16 em frente a madeireira, que naquela época era pequenininha, eu era fiscal da carris naquela época. Eu cheguei em casa num domingo e aí tava dando o jogo do Inter, né?! E naquela época não tinha essa avenida do lado de cá, era só do lado de lá, essa aqui não existia, aí... estava eu, meu rapaz naquela época hoje é um homem...aí eu disse:- ô Geovani vamo invadir ali...

- Aí ele disse: Tá louco pai?! Com é que nós vamos invadir?

- E naquela época na frente ali um muro de pedras, do tempo dos escravos ali, muros grande, longe...comprei um monte de eucalipto, aí fizemos um quentão, vinho...aí chamei uns 10 guri mais ou menos, já tinha o muro na frente. Aí descemos... o meu terreno naquela época ele entrava a comunidade ali, que tem um orelhão, descia até a terceira rua lá embaixo e vinha até aqui onde tem uma árvore ali...quem é do interior conhece...açoita cavalo é o nome daquela árvore ali...então o meu terreno ai dali até lá embaixo...E aí foi ficando e eu fui ficando aí...aí daqui a pouco eu me mudei pra cá,fiz uma casinha de compensado ali, botei umas telha em cima, botei uns paus por cima das telha, me mudei de lá que morava com as criança...e aí foi transcorrendo né?! E aí veio mais gente. Vinha algum invasor na minha invasão que era fechado lá embaixo, naquela época eu meio ignorante ia lá dava uns tiro, botava pra correr aí depois fiquei pensando: o que eu quero com esse monte... Nunca vou usar aí me acomodei no meu cantinho ali. E aí é o nome mesmo: Mangue Seco, que é o nome anterior ao Recreio da Divisa, tava dando a novela Tieta do Agreste, na novela tinha uma cidadezinha, um vilarejo que era mangue seco, aí depois com o passar dos tempos passou para Recreio da Divisa (depoimento de um morador, 26/09/2009)

Conseguido o terreno e erguida a casa, faltavam água e luz:

No começo não se tinha nem água. Havia só um caminhão que trazia água de madrugada. [...] a gente fazia uma fila de gente com caneca, com balde, com garrafa, com bacia, aí vinha o caminhão pipa, aí vinha 3-4 vezes por semana [...] mas era aquela confusão sempre. Então um dia um dia a gente pensou em pegar a água do lado de lá, sabe?! [...]a gente cavou um buracão aqui e um buracão do lado de lá, e, por baixo do asfalto, a gente partiu um cano com uma marreta, um marretão[...] . No primeiro dia ele deu numa pedra e saiu, furou o asfalto e daí vão fazer o que? Puxar? Não tem como [...] a gente bateu nele pra amassar, aí ta de novo, vá bater, vá bater, até sair no outro lado de lá,. Lá tinha cano, do lado de cá não tinha e [...] Bah! Vocês não podem fazer isso... Tá, mas nós queremos água (S.Sérgio, depoimento prestado em 26/09/2009.

A luz só veio através de “gatos”, ligações clandestinas que até hoje cruzam a vila. Quanto à idéia de contar a história da vila Recreio da Divisa

sob a forma de um museu de rua, há manifestações que apóiam a iniciativa, como a da D. Zailde:

Ele veio para consolidar uma história, que serve tanto para as pessoas que vivenciaram todo o processo, quanto as que não conheciam, porque são mais novas ou chegaram aqui depois. Eu sempre pensei em escrever essa história, só que no papel, para que não fosse esquecida. Mas aí então veio a idéia da Cláudia, que é a nossa historiadora aqui da Lomba do Pinheiro, então tudo começou com os recortes e com as memórias das pessoas. É muito diferente uma história contada por aqueles que fizeram do que se alguém viesse de fora e dissesse coisas que não presenciou [. . .] Eu não acho que ele é um museu, mas uma a própria história da vida das pessoas daqui. É um livro aberto a que todos têm acesso, tenham vivido as histórias ou não. Acho ainda mais importante que as pessoas olham as fotografias e se reconhecem dentro do processo de contar. Os moradores contam a sua própria vida, colocam aqui todo o que eles passaram, numa luta que ninguém sabe. Só nós, que sofremos é que podemos contar o que passamos. E temos muitas histórias tristes, coisas que não lutamos mas não conseguimos. Mas temos também a história de muitas realizações que não podem ser esquecidas [...] Hoje nós temos uma forma diferente para contar a história. Cada um que passa por aqui critica, se reconhece naquilo que é contado. E muita gente não aceita, não! Dizem que não foi bem assim, e contam da sua maneira, tudo de novo[...] (Zailde, depoimento prestado em 23 de junho de 2010).

Outro morador diz que “o museu de rua permitiu uma nova maneira de ver a comunidade, despertando a curiosidade e aproximando as pessoas. A gente dá mais valor à nossa comunidade do Recreio da Divisa, tem mais amor por ela”.

Porém nem tudo são flores. Embora o museu de rua tenha sido criado para representar a comunidade, o conflito de interesses e a briga entre as lideranças comunitárias se fazem sentir a todo o momento. Num bairro composto por lutas constantes, que se tornou referência mundial na aplicação da idéia de orçamento participativo, harmonia social não é sinônimo de consenso, mas sim de criação de um espaço de diálogo, democrático, onde as diferenças possam ser expressas, sem causar maiores conflitos, como na manifestação abaixo:

Acho a idéia válida, mas tenho certeza que falta divulgação, somente as lideranças ficam sabendo, a comunidade pouco conhece. Inverdades ditas por pseudo-lideranças atrapalham. Além disso, debaixo da chuva, deveria ter mais cuidado (morador, depoimento prestado em 23/06/2010).

Há depoimentos que poderiam ser entendidos como um fracasso da iniciativa:

Lamentavelmente, nada mudou com o Museu de Rua. O comodismo, a falta de pessoas para assumirem uma atuação mais decisiva, continua a mesma. Pseudo-lideranças ajudam a não haver um crescimento do museu (morador, depoimento prestado em 23/6/2010).

Outros aprovam e avaliam a possibilidade de mudanças futuras:

Mas o valor informativo do museu é imenso. Contar a nossa história contada por nós mesmos é muito importante. Cada vila narra a sua existência, e ao juntarmos tudo, vemos o quanto somos importantes, ao menos achamos (Moradora, depoimento prestado em 23/6/2010)

Ele poderá contribuir mais quando for mais difundido nas comunidades. Sua atuação deve ser mais intensa. Comparar fotos, locais, ruas, moradias e pessoas. Ter como mote: ontem era assim hoje, olha como estamos. Tem diferença? Para que isso aconteça, as lideranças de todas as comunidades devem ouvir, catalogar as suas experiências, unir essas informações. E, a partir disso, montar um quadro realista e atual da história da Lomba do Pinheiro (Morador, depoimento prestado em 23/6/2010).

E assim vai indo. Há registros da conquista da primeira creche, do posto de saúde que nunca funciona, das mobilizações políticas para eleição de vereadores do bairro. Se há consenso, ele se refere ao desejo que a imagem do bairro seja mudada. Que ele deixe de ser visto como um espaço de exclusão, pobreza e drogas, para mostrar a sua verdadeira cara, que é a de uma comunidade que luta por si mesma, porque ninguém mais poderia fazê-lo, usando como arma o poder de mobilização pública e de luta. Entre os resultados, está a própria criação do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, com o objetivo de recuperar essa história e valorizar a relação entre o homem e o seu território, tão duramente conquistado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada um vê de uma maneira, cria a sua representação própria em torno da experiência. Alguns discutem e querem reformular tudo. Outros, dizem que não foi bem assim, e tratam de recontar à sua maneira aquilo que fora registrado. Porém, em que pese a diferença de opiniões, a maioria está convicta de que os museus de rua precisam se espalhar por todas as vilas. Cada uma quer, à sua maneira, contar as histórias de lutas, sucessos e fracassos, esperanças e desesperanças, sonhos e pesadelos. E, ao final, criar um museu de percurso, que reúna, como se fossem peça de um jogo de dominó, cada uma das propostas, com a singularidade, representação e criação da vila que a compôs. Dentro desse quadro, a metodologia dos museus de rua, transposta para grupos em permanente conflito e luta pela sobrevivência cotidiana, buscando atingir as mínimas condições de dignidade de vida humana, deu certo. Não como algo acabado, completo, finito, mas como uma porta que se abre para um museu que, sendo comunitário, não tem portas nem janelas.

O processo dialógico, as reflexões e a construção de possibilidades de soluções coletivas, criaram novos modos de relacionamento entre patrimônio e vida cotidiana, concretizados através da geração de movimentos sociais harmônicos, sincrônicos, sinfônicos e sinérgicos entre os sujeitos. As reflexões, os diálogos e as discussões que antecedem o evento, fazem com que os atores sociais estabeleçam novas pontes entre a vida que se faz do dia-a-dia, onde a memória se transforma numa estratégia de valorização de

cada um em relação aos saberes e fazeres locais. É fácil perceber, entre os resultados até aqui obtidos, que as pessoas aos poucos vão se reconhecendo como elos que conectam uma complexa trama social, que é tecida coletivamente, a fim de compor uma vida melhor no presente e projetar um futuro mais digno. Se tivéssemos que sintetizar os reflexos do museu de rua na Lomba do Pinheiro em algumas expressões, essas seriam: empoderamento, tomada de consciência individual e social, elevação da auto-estima individual e social a partir da utilização das memórias individuais e coletivas na (re)construção da história do bairro.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena.(2004). **Ouvir Contar**. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV Editora.

DALLA ZEN, Ana Maria (2004). **A voz dos ausentes na terra do nada: a ação cultural como estratégia de religação do homem à natureza**. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Comunicação/ECA/USP. Tese de doutorado em Comunicação).

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Trad. Rosisca Dardi de Oliveira. 8.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. Disponível em:

www.bonato.kitl.net/extensao_ou_comunicacao. (Acedido em 1 de agosto de 2010).

_____. **Pedagogia do oprimido** (1999) . 26..ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

PRIOSTI, Odalice Miranda; DE VARINE, Hugues (2007). O novo museu das gentes brasileiras: criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários. **Cadernos de Museologia**.Lisboa: Universidade Lusófona, n. 28.

Disponível em:
<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/47>.
Data de acesso: 20 de maio de 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1996) **Pela mão de Alice** : o social e o político na pós-modernidade. 2.ed. São Paulo : Cortez.

SANTOS, Maria Célia. **Museus e educação**: conceitos e métodos. Documento eletrônico (2009). Disponível em:
http://www.rem.org.br/download/MUSEU_E_EDUCACAO_2.pdf. (Acedido em 20 de julho de 2009).